O ANGLICANISMO OFICIAL

Por "anglicanismo oficial", entendo aquelas igrejas que estão em comunhão com Canterbury, como a Igreja Episcopal dos EUA (ECUSA) e a Igreja Anglicana do Canadá – Igrejas do mundo ocidental de língua inglesa (com a exceção da maioria das igrejas "Anglicanas" oficiais da África e da Ásia, que mais ou menos resistiram ao liberalismo teológico, embora algumas, como a Igreja da Província da África do Sul, tenham sucumbido). Do ponto de vista histórico “Anglo-Católico”, “Tractariano”, ou mais simplesmente “Carolina” ou “alta igreja antiga”, a ortodoxia Anglicana está morta nessas igrejas, ou pelo menos moribunda, sem esperança de cura. A razão pode ser resumida em duas palavras: “ordenação de mulheres”, e tudo o que se seguiu e continuará a seguir. (Outra razão, talvez mais profunda, como Eric Mascall me indicou, encontra-se na Conferência de Lambeth em 1930 e sua aceitação da contracepção, a partir da qual surgiram todo tipo de tolices e revisões em matéria sexual). É claro, sem dúvida, que todas as "Igrejas apostólicas" históricas anteriores à Reforma – a Igreja Ortodoxa, as Igrejas Ortodoxas Orientais, e a Igreja Assíria do Oriente, sem falar da Igreja Católica – rejeitam a ordenação de mulheres como incompatível com a ortodoxia Cristã. Apenas a Igreja Anglicana e os Velhos Católicos Europeus "anglicanizados" afirmam o contrário.

Existem Anglicanos que admiro e respeito, como o Rev. David Moyer do Forward-in-Faith North America, que permanece como uma testemunha da ortodoxia Anglo-Católica dentro da ECUSA, mas acho que posso afirmar com certa segurança que aqueles que lhe são semelhantes permanecem na ECUSA por razões pragmáticas e “pastorais” de curto prazo, sem compromisso real com “a instituição” em si, ou porque não sabem para onde ir. Da mesma maneira, existe a organização inglesa Forward-in-Faith que sempre teve uma atitude mais “entusiástica” em relação “aos poderes e às autoridades” em sua igreja do que seus colegas americanos (e isso em parte à vista dos resultados na América). O essencial dos esforços da organização inglesa F-i-F parece orientado para garantir sua saída da Igreja da Inglaterra sob o aspecto mais ou menos disfarçado de uma “terceira província”, por isso pode-se concluir com certeza que seus membros não veem futuro a longo prazo para o Anglo-Catolicismo na Igreja da Inglaterra. Os contatos que a F-i-F fez nos últimos sete ou oito anos com grupos de “oposição ortodoxa católica” ou pelo menos de “alta igreja” nas igrejas luteranas escandinavas (especialmente na Suécia e na Noruega) parecem claramente, embora tacitamente, afirmar que os próximos 10 a 15 anos verão a descida contínua das igrejas inglesas e escandinavas em direção ao abandono do ensino sexual/ético e uma relativização de sua atitude em relação aos dogmas tradicionais – algumas igrejas escandinavas, como a Igreja Estatal da Dinamarca, onde o clero é legalmente autorizado a "abençoar" as "uniões" homossexuais, parecem já ter chegado a esse estágio, com os suecos logo atrás – e a emergência de grupos de igrejas separadas em todos esses países em associação frouxa com uma "Província Livre" da Igreja da Inglaterra. É claro que algumas das figuras proeminentes desse movimento contemplam a saída última de tudo isso em uma reconciliação com a Santa Sé.

Ao esboçar o que precede, omiti considerar uma questão anterior muito significativa, a saber, o que é "a Ortodoxia Anglicana"? Ao longo do último quarto de século, um bom número de pesquisas históricas conduzidas por historiadores desinteressados (por exemplo, Patrick Collinson, Peter

Lake, Nicholas Tyacke, Anthony Milton), muitas vezes não cristãos, demonstraram de forma conclusiva que a palavra “anglicanismo”, tal como é entendida tradicionalmente tanto pelos Anglo-Católicos quanto pelos Anglicanos comuns – na verdade, por todos, exceto pelos protestantes anglicanos mais radicais – era na essência a invenção intelectual de Richard Hooker durante a década que precedeu sua morte em 1600, em reação à ideia irresistivelmente dominante dos bispos e teólogos ingleses de que sua igreja era uma igreja "Reformada" que tirava sua inspiração teológica dos principais teólogos da Reforma Suíça, Zwinglio, João Calvino e Heinrich Bullinger. Foi após a Restauração de 1660 que a palavra “anglicanismo” (que não foi usada para descrever a religião da Igreja da Inglaterra antes do século 19) começou a emergir como uma distinção consciente entre Roma e o Protestantismo dogmático confessional. “Anglicanismo” – a palavra senão a coisa – é uma invenção do século 17, enquanto de 1559 a 1600 ou mesmo 1620 a Igreja da Inglaterra era mais nitidamente uma igreja "Reformada". Isso significa que a espécie de Anglicanismo firmemente protestante que existiu apenas no século passado nas margens da ECUSA, mas que sustentou a formação da Igreja Episcopal Reformada por volta de 1870, e que constitui a verdadeira razão de ser do Arcebispado Anglicano de Sydney, Austrália, pode verdadeiramente reivindicar os direitos de propriedade da religião da Reforma Inglesa (com a exceção, e insisto, do termo "anglicanismo" usado para designá-la).

Desde pelo menos 1660, “A ortodoxia Anglicana” é um assunto de controvérsia entre duas tendências teológicas dentro da Igreja da Inglaterra e suas igrejas filhas ou irmãs, com a aparição subsequente de uma terceira – a capela “Latitude” ou “igreja ampla” ou “moderada” ou (finalmente) “liberal”, que reivindicou sintetizar, ou ao menos justapor, os melhores aspectos das duas outras, mas que, no último século, constituiu a vanguarda do modernismo na Comunhão Anglicana. Reivindicando o uso das “nuances” do “pensamento contemporâneo” para realizar essa síntese, essa atitude se mostrou quase totalmente incapaz de criticar o Espírito do Tempo, e assim se tornou o vetor do “SIDA teológico” que infectou as igrejas anglicanas que costumavam ser chamadas de Primeiro Mundo. Pode ser que organizações evangélicas moderadamente conservadoras na ECUSA, como o American Anglican Council (AAC) ou a Anglican Mission in America (AMiA), possam atuar para retardar o triunfo final das forças da heterodoxia totalitária dentro da ECUSA, mas até onde isso irá? A teimosia da AAC em querer permanecer a todo custo na ECUSA parece ser sua posição inalterável, enquanto a AMiA aparece, de muitas maneiras, visando uma versão mais conservadora da Igreja Episcopal após 1976. Ambas apoiam a ordenação de mulheres, mesmo que a AMiA tenha decretado temporariamente um moratório sobre a aplicação enquanto aguarda o resultado de um "estudo teológico" de dois anos sobre a questão. Essas organizações merecem ser consideradas com desconfiança por "Anglicanos tradicionais" de toda espécie e por esses amigos católicos tradicionalistas e ortodoxos.

Revision #2
Created 17 August 2024 03:15:31 by Admin
Updated 17 August 2024 03:24:49 by Admin